

Fernando Boletto Filho

CURSO INTEGRADO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA

A Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, instituição de ensino superior da Arquidiocese de São Paulo, oferece um curso de Graduação em Teologia integrado com Filosofia em cinco anos, concluído pelo *Bacharelado em Teologia*.

Para ingressar no programa de graduação integrado o aluno deverá ter o segundo grau completo e ser apresentado pelo vigário com quem trabalha pastoralmente com o aval do Bispo da Diocese.

Esse curso se destina a formação teológica dos agentes pastorais, leigos, leigas, religiosos e religiosas.

O curso funciona no período noturno, no Colégio Luiza de Marillac, Rua Voluntários da Pátria, nº 1653 - Santana.

As matrículas para o próximo ano deverão ser feitas no mês de janeiro.

As aulas terão início no mês de fevereiro

Outras informações: Av. Nazaré, 993

04263-100 - São Paulo - SP

Fone 272-8600

Fax 272-7630

DEVS · SCIENTIARVM · DOMINVS

O tema *Pentecostalismo* é bastante amplo. A bibliografia disponível, em sua maioria, aborda a questão sob o aspecto sociológico. Nesse sentido, devemos reconhecer a existência de pesquisas interessantes e atuais. Quanto à abordagem bíblica, o que temos são trabalhos, geralmente de origem protestante tradicional, que pretendem responder, a partir de textos bíblicos, aos pontos defendidos pelo pentecostalismo.

Neste trabalho, tivemos de fazer, necessariamente, algumas opções. Procuramos estudar a história do movimento pentecostal no Brasil e verificamos um caminho que se desenvolve através de todo este século, chegando até as últimas décadas naquilo que os estudiosos chamam de *Neo-pentecostalismo*. Decidimos que a nossa análise deveria incidir sobre esse tipo mais recente de pentecostalismo que em nada inovou quanto ao tipo de uso que faz da Bíblia. Não representa uma novidade em relação àquilo que percebemos no

protestantismo e no pentecostalismo de maneira geral: "Infelizmente, entre os pentecostais, a Bíblia exerce cada vez mais o papel de confirmador de formas de crenças preestabelecidas, assim como de fonte suplementar de oráculos através de textos pinçados aqui e ali"¹.

Quando falamos do uso da Bíblia, preocupamo-nos com formas de leitura da Bíblia. Antonio G. Mendonça percebe, nos grupos neo-pentecostais, uma "*função protetora*" atribuída à Bíblia, "como objeto sagrado que tem poder em si mesmo"². Isso é perceptível em grandes concentrações neo-pentecostais, nas quais a Bíblia é erguida pelos participantes. Quanto à leitura, a ausência de novidade se revela através de conceitos fundamentalistas pulverizados, como a "inerrância da Bíblia", que leva a associações absurdas de textos produzidos em contextos bastante diversos. A interpretação é absolutamente literal e conveniente, visando a defesa de posições próprias de cada grupo.

1. MENDONÇA, A.G. *Os desafios do Neo-pentecostalismo para as igrejas do protestantismo histórico*. O Estandarte, São Paulo, IPI do Brasil (junho/1993), ano 101, n. 6, p.21

2. Idem p.22

Concluimos que o fato de ser novidade no âmbito pentecostal, não o é no campo da leitura bíblica. Decidimos, então, estabelecer uma análise do neo-pentecostalismo a partir do que consideramos elemento novo no campo da leitura bíblica, ou seja, a "Leitura Bíblica Latino-Americana". Nossa tarefa será, portanto, enxergar alguns aspectos da prática dos grupos neo-pentecostais através das lentes da leitura bíblica latino-americana.

1. LEITURA BÍBLICA LATINO-AMERICANA

A leitura bíblica latino-americana é, de fato, elemento novo no contexto cristão. Não se trata de fenômeno recente, porém, sem dúvida, algo novo. É um modo de ler a Escritura renovado pelo Espírito de Deus. Uma leitura atenta em relação à vida e às suas contradições, uma leitura ecumênica, que jamais se entende exclusiva. Leitura que recebe com interesse a contribuição dos especialistas, porém não abre mão de sua característica popular. Leitura que assume a luta dos povos oprimidos. Vejamos o que diz o pastor luterano Milton Schwantes: "*Na América Latina, a Bíblia está sendo redescoberta. É lida com fervor. Fez-se símbolo e alimento do*

novo jeito de ser de toda igreja. As comunidades cristãs se nutrem e se animam, lendo e celebrando a história bíblica. Esta redescoberta traz à tona novo jeito de compreender a Escritura. Experimenta-se uma nova aproximação aos textos. Abrem-se novas portas"³...

No texto citado, contemplamos um dado bastante especial da leitura bíblica latino-americana: a criatividade. As novas vias de entrada descobertas no texto animam a comunidade e demonstram o poder da Escritura como Palavra de Deus.

2. BREVE CARACTERIZAÇÃO DO NEO-PENTECOSTALISMO

Sabemos que o Pentecostalismo é um fenômeno que encontrou lugar no Brasil a partir do início do nosso século. As duas primeiras igrejas que surgiram no Brasil foram: a Assembléia de Deus e a Igreja Cristã do Brasil. Um segundo momento do pentecostalismo no Brasil pode ser caracterizado a partir de uma preocupação acentuada quanto à chamada "cura divina". A Igreja do Evangelho Quadrangular, a partir da década de 50, representa bem esse segundo momento. Mais recentemente, surge uma terceira vertente do pentecostalismo, que é chamada de

Neo-pentecostalismo, representada principalmente, pela Igreja Universal do Reino de Deus.

Alguns estudiosos não dividem o pentecostalismo em três grupos, mas em dois, unindo o segundo e o terceiro momentos por nós já referidos. Esse aspecto não é fundamental para as nossas preocupações. Nossa indicação pretende fornecer somente uma referência para que possamos caracterizar o pentecostalismo mais recente.

Indicamos, a seguir, alguns elementos característicos do neo-pentecostalismo: a) A vida das pessoas é sempre interpretada no clima da "guerra espiritual". Todos os aspectos da vida são interpretados a partir da luta de Deus contra os demônios; b) Os momentos de reunião perdem a dimensão cúltica e passam a ser "shows" de auditório; c) Grande parte do tempo da reunião é destinada às sessões de exorcismos; d) Promessa constante de milagres; e) Sucesso material como evidência da atuação de Deus; f) Em parte significativa do momento da reunião o dirigente utiliza os mais diversos artifícios para conseguir uma grande arrecadação; g) Segundo os dirigentes, a "benção" é proporcional à contribuição; h) Grande interesse pela utilização dos meios de comunicação.

A partir deste momento, apontaremos alguns elementos da prática das igrejas neo-pentecostais, analisando-os a partir dos referenciais da leitura bíblica latino-americana.

3. DESVALORIZAÇÃO DA COMUNIDADE

Abordamos a comunidade não como mero ajuntamento de pessoas em um mesmo lugar. Falamos a partir do conceito bíblico expresso em Atos 2, 42-47. A comunidade cristã deve ser um grupo de convivência, de fé comum, grupo que se une pelo Espírito de Deus através da leitura da Escritura.

Nessa terceira vertente, a idéia de comunidade fica bastante prejudicada. Os cultos se transformam em terapias, buscando satisfação emocional individual. Os auditórios são rotativos, marcados pela ausência de compromisso. O cultivo da experiência comunitária não é fundamental. Nesse sentido, Mendonça assim analisa o grupo neo-pentecostal: "*Inexistência de comunidade. Seus frequentadores são clientes sem compromisso que oferecem algo em troca de uma graça*"⁴.

A leitura bíblica latino-americana vê a comunidade como elemento fundamental para a interpretação bíblica. A interpretação bíblica mais legítima é feita pela comunidade. O indi-

3. SCHWANTES, M. *Jacó é pequeno: visões em Amós 7,9*. Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana. Vozes, Petrópolis 1988

4. MENDONÇA, A. G., o.c., p.22

víduo não pode ter todas as respostas. Leitura comunitária é uma leitura humilde. A comunidade reunida descobre os caminhos a partir da leitura bíblica. A Bíblia é o livro da vida, e a vida é vivida em comunidade: "A nova leitura bíblica é, antes de mais nada, profundamente litúrgica. Está enraizada no convívio da comunidade, em seu canto, em sua oração, em sua eucaristia. Não foi concebida no academicismo ou no mundo racional. Seu berço é a liturgia comunitária"⁵.

Dizer que a Bíblia é o livro da comunidade é fazer jus, inclusive ao caminho de formação da Bíblia. A Bíblia surge do esforço comunitário, é trabalho gradativo e de muitas mãos. Já não entendemos a Bíblia como produto de indivíduos especiais iluminados. A inspiração divina se dá na reunião do Povo de Deus.

Não temos dúvida de que um modelo de igreja que só junta pessoas deve ser bíblicamente questionado.

4. BÍBLIA: ELEMENTO CENTRAL OU ACESSÓRIO?

Podemos afirmar que o neo-pentecostalismo faz da Bíblia um elemento acessório. Não faz parte da experiência religiosa grupal. As reuniões não refletem um interesse

primordial pela Palavra de Deus. A Bíblia está presente apenas em citações rápidas e justificadoras.

O Povo de Deus deve fazer parte da Bíblia como elemento central, animador da construção do Reino. Esse é um dos pontos fundamentais da nova leitura da Bíblia que se faz na América Latina.

5. REPRODUÇÃO IDÊNTICA DE ALGUNS TEXTOS BÍBLICOS

"Obedecer" à Bíblia, procurando uma reprodução idêntica das experiências vividas pelos personagens da Bíblia, não é um privilégio de pentecostais ou neo-pentecostais. Trata-se de um aspecto da interpretação literal da Bíblia, bastante identificada nos círculos protestantes. No caso do pentecostalismo, busca-se "a reedição constante do pentecostes na vida dos crentes da Igreja"⁶. Textos bíblicos são pinçados e as experiências ali descritas devem ser revividas, exatamente, como aparecem nos textos. Nesse sentido, cada grupo terá os seus textos prediletos para a imitação. Considerar como bíblico a simples imitação do que alguns textos dizem é empobrecer o uso da Bíblia. Não podemos fazer da Bíblia um modelo fixo, estático.

Grupos cristãos em toda a América Latina estão experimentando o uso da Bíblia como inspiradora de novas formas de viver o Reino de Deus. Na verdade, a própria Bíblia é contrária ao tipo de imitação forçosa que indicamos acima. São comuns na Bíblia concepções teológicas diversas, elementos comuns narrados sob perspectivas diferentes, variedades de narrativas a respeito de um mesmo fato, mostrando a inspiração divina em meio à diversidade humana. O povo da Bíblia, assim como nós, hoje, tentava interpretar e desenvolver sua experiência com o Deus vivo.

O Povo de Deus, na Bíblia, mostra-se criativo ao interpretar sua relação com Deus. Não podemos abrir mão dessa criatividade que é dádiva do Espírito de Deus, no sentido de abrir caminhos para o crescimento do Reino de Deus.

6. ESVAZIAMENTO DO CONCEITO "LIBERTAÇÃO"

O neo-pentecostalismo tem usado com insistência a expressão "libertação". São programadas grandes reuniões de libertação, porém, o conceito se reduz, quando usado tão somente no enfoque individualista: "O Deus das religiões do espírito é

estranho à realidade histórica e social. A interiorização desse Deus decorre da subjetivação do dualismo tradicional. Deus não atua tão somente no interior das pessoas; não se relaciona com a história dos povos e das nações, mas apenas com os indivíduos; não habita o centro da vida humana..."⁷.

A teologia latino-americana, ao usar tal expressão, vai além do indivíduo, contemplando-o como parte de uma comunidade inserida num contexto específico. Trabalhar a libertação nas perspectivas política, econômica e social, amplia e enriquece a luta do Povo de Deus contra os poderes que geram sofrimento, principalmente num país marcado pela exclusão, como o nosso.

Podemos dizer que a Bíblia está sempre preocupada com a libertação, porém, em sentido amplo, priorizando a vida do ser humano em suas relações e conflitos. O movimento profético é bastante rico nesse aspecto. Observamos os diversos profetas profundamente preocupados com as conseqüências sociais das políticas de governo, observando de maneira atenta, as atitudes que podem provocar injustiças.

5. SCHWANTES, M., o.c., p. 81

6. MENDONÇA, A. G., o.c. p. 21

7. MENDONÇA, A. G. e VELASQUES FILHO, P. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. Loyola, São Paulo 1990. O pentecostalismo é chamado nesse trabalho de "religiões do espírito" (Cf. p. 249).

7. PROSPERIDADE

A prosperidade material é algo marcante no discurso neo-pentecostal. Ela é promotora e negociada sem o menor constrangimento. Podemos até afirmar que esse aspecto é um dos elementos mais utilizados como estratégia de "marketing". O povo é convocado para reuniões, nas quais concorrerão a grandes benefícios materiais.

No pentecostalismo e mesmo no protestantismo tradicional eram comuns os testemunhos pessoais, nos quais o crente revelava aspectos de sua conversão, contando coisas que fazia quando não era crente e que havia abandonado. Hoje, no neo-pentecostalismo os testemunhos falam do patrimônio que conseguiram acumular após a conversão.

Falta uma análise mais profunda em relação à disponibilidade de bens, sobretudo e, de forma mais abrangente, no terceiro mundo. O povo cristão, em nosso continente, tem sido animado pela Palavra de Deus a buscar justiça na distribuição da riqueza. A ilusão neo-pentecostal não permite que as pessoas observem os verdadeiros mecanismos malignos que geram a nossa absurda distribuição de renda. A pobreza, assim, cai no contexto da "guerra espiritual"; é uma deformação meramente indivi-

dual, da qual o crente deve ser libertado. Não se faz relação entre a miséria e a riqueza escandalosa.

Causa constrangimento ouvir algumas pessoas que dizem ter recebido de Deus apartamentos e carros importados. Será esse o Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que veio a esse mundo e não teve lugar para nascer, identificou-se com os pobres da Galiléia e morreu na cruz pela humanidade? Como explicar a vida de Jesus e a sua relação preferencial com os mais pobres?

8. DESAFIO

Diante dessas colocações, fica para nós um grande desafio. Entendemos que o ecumenismo deve ser promovido e ampliado. Contudo, quais os limites? Diante da prática neo-pentecostal, por exemplo, qual o direcionamento? Um grande esforço no sentido ecumênico, ou o impacto de uma postura profético-crítica? Que o Espírito de Deus nos dê o discernimento.

Fernando Bortolletto Filho

End.: Av. João Pessoa, 461, Ap. 36,
02440-050 - São Paulo - SP.

CONSIDERAÇÕES SOBRE CIÊNCIA OFICIAL E CULTURA POPULAR

Eduardo R. Cruz¹

A ciência moderna (restringimos aqui ao conjunto das ciências da natureza, diferenciando-o da tecnologia) tem sido ameaçada, desde há muito, por formas diversas de conhecimento que também se pretendem como científicas. Quanto mais ela é bem sucedida, maior é a frequência com que a palavra "científico" é adicionada a alguma forma de conhecimento, seja ele bizarro ou simplesmente pouco rigoroso². Filósofos e cientistas têm desconfiado com muita razão destas tentativas, procurando defender a ciência com recurso a basicamente duas estratégias. Primeiro, estabelecendo critérios de demarcação entre ciência e pseudo-ciência. Conhecemos a proposta bem divulgada de Popper (veja-se, por exemplo, Popper 1976 e Popper 1991), mas deve-se destacar também a retórica militante de Mario Bunge (e.g., Bunge [1985];

para análises cuidadosas destes projetos de demarcação, veja-se Oliva [1990] e Artigas [1994]). Segundo, institucionalizando a ciência "oficial" e criando procedimentos sociais que mantêm a pseudo-ciência à margem, persuadindo o governo e a opinião pública a não endossá-la.³ Em ambos os casos, a gama inteira de "pseudo-ciências" é apresentada de maneira pejorativa, consideradas como um bloco indiferenciado a ser rejeitado *in toto*.

Isto é ainda mais verdadeiro quando a relação entre a comunidade científica e os não-cientistas é colocada em destaque. A velha distinção entre o "cientista" e o "leigo" ainda está recente em nossas memórias, uma distinção certamente relacionada com aquela entre o clero e o laicato em âmbito eclesiástico. A suspeita mútua entre ambos os lados (cientistas e "leigos") já dura muitos

1. **Eduardo Rodrigues da Cruz.** Doutor em Teologia. Professor do programa de pós-graduação em Ciências da Religião da PUC/SP. Tendo uma formação anterior em física, trabalha atualmente com as interfaces entre ciências naturais e teologia/ciências da religião.

2. Veja-se Radner e Radner (1982), Japiassu (1994) ou Japiassu (1996) para uma caracterização das formas mais extremadas deste fenômeno.

3. Sobre o tema da ciência tornada oficial e mandatória, veja-se o interessante ensaio do físico André A. Abramczuk (Abramczuk 1981). Saliente-se também o argumento de Milton (1996).